

Rono

Revi a tua cara ontem, amigo Rono. Ficas bem nas fotografias. Não me esqueço de ti, sempre prestável, de modos suaves num corpo tremendo. Cumprimentavas a minha mulher chamando-lhe "Madame". Vieste do Quénia, conversámos muitas vezes, sobre a vida, o mundo, Deus, a guerra, os filhos, Timor. Costumavas ser sentinela do quartel aonde mais amigos tínhamos, por isso te visitávamos. Contaste-me que trabalhavas numa fábrica de munições - usavas uma G3 como os portugueses. Dizias que tinham a mania de, por seres negro, gostares do calor: afinal detestavas o calor, tu que nasceste próximo do Kilimanjaro, num local frio, sempre nevado. Também me consideraste um vizinho: afinal, para quem quase dá a volta ao mundo, encontrar um tipo nascido um pouco a sul, em Moçambique, é como encontrar um vizinho. Um dia houve uma grande confusão no estádio de futebol. Disse-se que houve mortos, disse-se que não. É caso para não saber. Foste lá, tu e os brasileiros da Polícia do Exército do Rio Grande do Sul, os tais que admiravas pelo samba mas que te aborreciam, porque falavam muito mal inglês, e falavam - mesmo assim - de futebol! Como irá um queniano entender brasileiros? Dizia que foste reprimir gente; não era difícil, mas no meio da confusão um timorense, ou indonésio?, agarrou o teu relógio e fugiu.

Habilidoso o homem! A partir daí, Rono, muito mais abusavam do teu "gosto pelo calor"; sem relógio, esqueciam-se de ti e tu esquecias-te das horas.

O mundo tem destas coisas: eu estivera no Brasil, propus-te a troca: um boné azul da ONU pelo meu relógio. Tiveste medo. Disse-te que falasses numa ventania súbita, o boné a fugir, tu imóvel no teu posto nada podias fazer...

Acabámos assim. Levaste-me o relógio, comprado no Rio de Janeiro. Foi mesmo na véspera de eu regressar. Tu sabias, tínhamos falado sobre isso.

Espero que estejas bem, Rono. Escrevemos-te mas não respondeste. Pode ser que até nem tenhas dinheiro para isso. A vida está cheia de armadilhas. Contaste-me o caso de camaradas teus que se endividavam para dormirem com mulheres brancas, na Austrália.

Espero que um dia respondas. Gostava que soubesses que também fizeste um pouco mais feliz a minha filha, a quem trouxemos o teu boné. E deixa lá: fossem esses os desperdícios que a ONU faz, mundo fora.